

Apropriação do discurso sobre os conceitos teóricos na escrita acadêmica

(Appropriation of the discourse about the theoretical concepts in academic writing)

Elza Maria Silva de Araújo Alves

Secretaria Municipal de Educação (SME) - Natal/RN

elza.alves29@yahoo.com.br

Abstract: This study aims at analyzing linguistic marks of appropriation of the discourse of the other authors by analyzing of variation and change in written four dissertations, which were defended in 1979, 1989, 2000 and 2011, and selected on the Public Domain – Capes. In the analysis, we follow the Theory of Enunciation, more precisely, the enunciative heterogeneity proposed by Authier-Revuz (1998, 2004), regarding dialogism, and the concept of *ethos* defended by Maingueneau (2011), regarding the personality that the enunciator assumes to give a speech. The results show that the researcher interacts with the discourse of the other authors and prepares his writing with traces of a saying which is not his own by appropriating the discourse on concepts of variation and change. However, from the moment when there is a dialogical process, the speech produced may be appropriate for who writes it. In this dialogical process, the researcher can also take a position of a third person guarantor when he uses speech as another form of support to your say.

Keywords: Appropriation of concepts; dialogism; writing.

Resumo: O presente estudo busca analisar marcas linguísticas de apropriação do discurso do outro mobilizado sobre os conceitos teóricos na escrita de quatro dissertações de mestrado selecionadas do Domínio Público – Capes e defendidas nos anos de 1979, 1989, 2000 e 2011. Analisamos à luz da Teoria da Enunciação, mais precisamente da heterogeneidade enunciativa do dizer, proposta por Authier-Revuz (1998, 2004), no que se refere ao campo do dialogismo; e, a partir do conceito de *ethos* defendido por Maingueneau (2011), no que diz respeito à personalidade que o enunciador assume ao pronunciar um discurso. Os resultados demonstram que ao se apropriar do discurso sobre conceitos teóricos, o pesquisador interage com o discurso do outro e elabora sua escrita com traços de um dizer que, no princípio, não lhe pertenciam. Mas, a partir do momento em que há o processo dialógico, o discurso produzido em forma escrita pode ser apropriado por aquele que escreve. Nesse processo dialógico, o pesquisador também pode tomar uma posição de fiador do discurso alheio quando usa o discurso do outro como forma de sustentação para o seu dizer.

Palavras-chave: Apropriação de conceitos; dialogismo; escrita.

Introdução

Este estudo parte de reflexões realizadas no interior do Grupo de Estudo do Texto e do Discurso (GETED) do Departamento de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) no que se refere à produção escrita no ensino superior, mais especificamente no que confere à apropriação do discurso do outro na escrita de dissertação de mestrado. Partimos do pressuposto de que o discurso sobre os conceitos de variação e de mudança é apropriado à escrita do pesquisador por um processo dialógico, um processo de interação, no qual a relação entre o sujeito que escreve e a teoria é constitutiva, e não prescritiva.

Para realizamos o nosso estudo, aliamos-nos aos pressupostos teóricos de Authier-Revuz (1998, 2004) no que confere heterogeneidade enunciativa do dizer. O estudo dessa autora se funda em três campos teóricos: o dialogismo bakhtiniano, a teoria do discurso (Pêcheux) e o inconsciente, a partir de Freud-Lacan.

Consideramos, neste trabalho, o princípio do dialogismo, o diálogo entre os interlocutores, o diálogo entre os discursos, denominados pela autora de interação e discursividade. O dialogismo visto como interação verbal entre os interlocutores, princípio constitutivo do sujeito e da linguagem.

Na concepção de Bakhtin, o discurso não é individual, pois em cada enunciado, em cada palavra ressoam vozes: a do eu e a do outro. Por essa concepção, há o reconhecimento do princípio da intersubjetividade, princípio que problematiza o estatuto do sujeito do discurso (AUTHIER-REVUZ, 2004).

Como investigamos marcas de apropriação do discurso outro na escrita acadêmica, escolhemos o discurso mobilizado na escrita dos conceitos de variação e de mudança nas dissertações de mestrado. Isso porque tais conceitos têm sido influenciados ao longo dos anos pelo desenvolvimento dos estudos linguísticos, ou seja, esses conceitos têm sido enfocados por diversas teorias, dentre as quais temos a Linguística Histórica, que durante muito tempo foi palco da ancoragem teórica de muitas pesquisas, e, a partir do final da década de 1970 e meados da década de 1980, esses conceitos advindos da área da sociolinguística começaram a ser mais focalizados nas pesquisa à luz da Teoria da Variação e da Mudança, postulada por Labov.

Desse modo, por meio da heterogeneidade mostrada e marcada, podemos analisar a apropriação do discurso do outro e a posição dos pesquisadores na escrita do discurso mobilizado na escrita desses conceitos.

Enfatizamos que tomamos como parâmetro para explicar o modo de apropriação defendida por nós, a expressão tomar como seu, uma vez que é no processo de mobilização do discurso que o enunciador se vale de palavras porosas, ou seja, de palavras que aparecem no discurso do um, carregadas do discurso do outro, palavras embutidas que se cindem, se transmudam em outras palavras, pelas quais o sentido se multiplica em facetas que podem se afastar do sentido “original” ou se perder (AUTHIER-REVUZ, 1998).

Tendo em vista as informações já citadas, propomos como objetivos: a) analisar, no *corpus* selecionado, marcas linguísticas de apropriação do discurso do outro sobre os conceitos de variação e de mudança na escrita de quatro pesquisas; b) verificar o posicionamento que o pesquisador assume frente ao discurso mobilizado na escrita desses conceitos.

Os dados analisados foram selecionados a partir de um levantamento de dissertações de mestrado produzidas em diferentes programas de Pós-Graduação do Brasil disponíveis no Portal Domínio Público – CAPES. Para melhor organizar a análise dos dados, denominamos cada um dos trabalhos: TP1/1979 (Trabalho de Pesquisa Um/1979), TP2/1989 (Trabalho de Pesquisa Dois/1989), TP3/2000 (Trabalho de Pesquisa Três/2000) e TP4 (Trabalho de Pesquisa Quatro/2011).

No próximo bloco, apresentamos o dialogismo proposto por Bakhtin, o qual Authier-Revuz toma como referência para explicitar a heterogeneidade enunciativa.

O discurso dialógico

A respeito dos estudos do Círculo, Authier-Revuz enfatiza o conceito de dialogismo e polifonia. O dialogismo assinala que toda relação dialógica apresenta um sentido que se estabelece entre os enunciados da comunicação verbal. Esses, no processo de comunicação, independentes de sua dimensão, é dialógico. Há, neles, uma dialogização interna da palavra que é perpassada sempre pela palavra do outro. É sempre a palavra ulterior que inevitavelmente cruza o discurso do um. Ou seja, o sujeito enunciador, para constituir o próprio discurso, leva em conta o discurso de outrem que está implícito no seu e o atravessa constitutivamente (BAKHTIN, 1995).

O enunciado não existe fora das relações dialógicas, por isso é constitutivo. Nele, estão presentes ecos e lembranças, o dizer de outros enunciados. Os enunciados têm autor, por isso revelam uma posição de autoria.

A noção de diálogo é a grande âncora do pensamento bakhtiniano. O autor propõe uma oposição entre diálogo em sentido estrito, que seria a interação face a face, e diálogo em sentido amplo, que seria a interseção de vozes que atravessam e perpassam cada discurso, cada enunciação, desde o simples ato de fala (não tão simples assim) até os mais complexos discursos da narrativa do romance. Haveria a presença de outras vozes por toda parte do discurso, fazendo eco à enunciação. Algumas vezes para auferir, outras, para diferir, mas sempre presentes em cada ato de linguagem; algumas ocasiões disfarçadas e outras expostas. Nesse caso, temos a polifonia.

Desse modo, Bakhtin, (1995) concebe a enunciação como um produto da interação social, mesmo se tratando de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui uma comunidade de fala.

Na visão do autor, a língua constitui um processo ininterrupto que se realiza através da interação verbal social dos locutores. Entretanto, trataremos aqui dos pontos que Authier-Revuz (2004) considera importantes para mostrar o estudo da heterogeneidade do locutor e do discurso, conseqüentemente para a escrita, objeto de nossa pesquisa.

Do princípio dialógico interessa à linguista a concepção de diálogo entre os interlocutores e a do diálogo entre os discursos, denominados de interação e discursividade. O dialogismo visto como interação verbal entre os interlocutores é o princípio constitutivo do sujeito e da linguagem. Na concepção de Bakhtin, o discurso não é individual, pois em cada enunciado, em cada palavra ressoam vozes: a do eu e a do outro. Por essa concepção, há o reconhecimento do princípio da intersubjetividade, princípio que problematiza o estatuto do sujeito do discurso (AUTHIER-REVUZ, 2004).

Ademais, afirma Bakhtin (1995, p. 88): “Eu me dou forma verbal a partir do ponto de vista do outro, e em outro definitivo, a partir do ponto de vista da comunidade de vida a que pertencço. [...] as palavras são sempre inevitavelmente as palavras dos outros”. O que observamos na fala do filósofo é que o discurso produzido por um sujeito estaria isento do discurso já dito, pois, a organização de uma enunciação está situada no meio social em que envolve o sujeito, assim é também a pesquisa, ela se insere em um contexto social e em uma formação discursiva.

Toda palavra é o produto da interação do locutor com o ouvinte. Logo, toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*; é através da palavra que o sujeito se define em relação ao outro (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 1995, p. 113).

Essa concepção é o que Bakhtin (1995) denomina de forma composicional, forma em que ocorrem as relações dialógicas, que se dá em todos os enunciados no processo de comunicação, seja em qualquer dimensão.

É importante ressaltar que, para esses autores, o discurso não se constrói, a não ser atravessado por uma variedade de discursos. As palavras proferidas de forma oral ou escrita virão sempre *habitadas* por outras ressonâncias. Ou seja, remetem sempre a um contexto ou a vários. Chegam ao seu próprio contexto, vindas de outros. A palavra não é neutra, é carregada, ocupada, atravessada pela alteridade (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 36).

De acordo com os autores, qualquer discurso se orienta pelo conhecido, pela opinião pública. Todo discurso é dirigido para uma resposta antecipada, constituindo-se na esfera do já dito. Nesse âmbito, ele é determinado tanto pelo interdiscurso como para o discurso resposta que ainda não foi dito, mas foi solicitado a surgir. Isto é, já era esperado.

Authier-Revuz alerta para a afirmação de Bakhtin, quando diz que o outro do dialogismo não é o objeto exterior do discurso, nem o duplo, muito menos o exterior, mas a fronteira interior, que marca no discurso, a relação constitutiva com o outro. Isso colocado como lei constitutiva do tecido de toda a alocação. E é nas formas do nível sintático, discursivo e literário que se fazem presentes as representações do discurso do outro.

Tomando como princípio o dialogismo, Authier-Revuz postula que esse conceito faz a interação com o discurso do outro a lei constitutiva de todo o discurso. O outro, para Bakhtin, “não é nem o duplo de uma face a face, nem mesmo o ‘diferente’, mas sim um outro que atravessa constitutivamente o um” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 25).

A partir dessa perspectiva, a constituição do sujeito se realiza no jogo de reflexividade comunicativa: o sujeito se constitui e expressa na relação com o outro em um dado lugar socioideológico e através de um material semiótico comum. (MARTINS¹, apud TEIXEIRA, 2005, p. 26).

Authier-Revuz (2004, p. 18), tratando desse modo de *jogo como o outro no discurso*, assinala:

Esse jogo opera no espaço do não explícito, do “semidesvelado”, do “sugerido”, mais do que mostrado e do dito; é nesse jogo que tiram sua eficácia retórica muitos discursos irônicos, antíteses, discurso indireto livre, colocando a presença do outro em evidência tanto mais que é sem auxílio do “dito” que ela se manifesta: é desse jogo, “no limite” que vêm do prazer – e os fracassos – da decodificação dessas formas. É também o que instaura, em vez de patamares e de fronteiras, um *continuum*, uma gradação, que leva das formas mais incertas da presença do outro, tendo o horizonte um ponto de fuga no qual se esgotaria a possibilidade de apreensão linguística no reconhecimento – fascinado ou desiludido – da presença diluída do outro no discurso.

O que podemos observar através das palavras da linguista é que é no jogo com o outro no discurso que o sujeito reflete e chega a seu próprio discurso. A pluralidade do sujeito encontra sentido naquilo em que cada um é complemento necessário do outro.

O locutor é sempre um sujeito social, que integra, à sua, as vozes que o intercedem e as que o antecipam na interação com seu destinatário, num dado contexto social.

¹ MARTINS, Eleni Jacques. *Enunciação e diálogo*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 1990.

As reflexões de Bakhtin colocam o homem como um ser irredutivelmente heterogêneo, que só existe no diálogo; a noção de alteridade sustenta a de sujeito, a intersubjetividade antecede a subjetividade.

É no discurso entre o discurso, essa interdiscursividade, que vamos analisar no próximo bloco a apropriação como processo dialógico.

Apropriação como processo dialógico

A apropriação do discurso sobre os conceitos de variação e de mudança como processo dialógico está centrada no estudo da heterogeneidade mostrada, marcada e não marcada.

Esse estudo tem como princípio a concepção de diálogo entre os interlocutores e o diálogo entre os discursos. O discurso não é um ato individual, uma vez que há a ressonância de vozes, as vozes do eu e do outro. O que leva a crer que toda palavra é habitada pelo já dito. Ou seja, o discurso se constrói pelo atravessamento de outros discursos. Vejamos o que afirma Authier-Revuz (2004, p.42):

Assim como a orientação através do meio “exterior” dos outros discursos é um processo *constitutivo* do discurso, a orientação para um destinatário se marca no tecido do discurso que está sendo produzido. O outro é, para o locutor, de qualquer modo, apreendido como discurso; mais precisamente, a compreensão é concebida não como “decodificadora”, mas como um fenômeno ativo, especificamente dialógico de “resposta”, por um “contra discurso”. Isso quer dizer que todo discurso é compreendido nos termos do diálogo interno que se instaura entre esse discurso e aquele próprio ao receptor; o interlocutor compreende o discurso através do seu próprio discurso. *Visando a compreensão* de seu interlocutor, o locutor integra, pois, na produção de seu discurso, uma imagem do “outro discurso”, aquele que ele empresta a seu interlocutor.

Ao recorrer ao conceito citado pela autora, podemos estabelecer uma relação com o que denominamos de apropriação de conceito de variação e de mudança como processo dialógico, uma vez que, quando escrevemos, escrevemos dialogando com o texto, com o enunciado proferido, escrevemos para responder a um interlocutor, dialogamos com o dito para que haja a compreensão, convergindo para a apropriação do discurso sobre os conceitos. Na apropriação, o sujeito toma para si o dizer do outro e escreve não apenas traduzindo palavras, mas também usando o discurso outro como se fosse o seu próprio dizer. Usando as palavras de Authier-Revuz (2004), diríamos que o sujeito integra em seu discurso a imagem do discurso do outro. Aquele que escreve registra na sua escrita a composição da escrita do outro.

Há duas maneiras básicas de se apropriar de distintas vozes no enunciado: aquela em que o discurso do outro é abertamente citado e a que o enunciado é *bivocal*, isto é, internamente *dialogizado*. Não queremos dizer que o discurso citado não é dialógico, ele o é. Há uma quebra sintática quando o discurso é feito dessa forma, enquanto que, no internamente dialogizado, é realizado a partir de uma apropriação do dizer do outro e este aparece de forma mostrada ou não mostrada no tecido do texto.

A essa forma da heterogeneidade enunciativa, podemos remeter a “não coincidência do discurso com ele mesmo”, a qual consiste na insistência de um acompanhamento

metaenunciativo (comentário sobre o enunciado) parando nas palavras alheias. Nas próprias palavras de Authier-Revuz (2011, p. 611) seria:

Os laços metaenunciativos que dizem da presença de uma voz outra, abrem – através da representação local que lhes dão – a não-coincidência radical do discurso consigo mesmo: atravessado de todo por vozes estrangeiras, que o alimentam e despossuem, o dizer não saberia fazer um, fechado sobre ele mesmo, e, sobre esta vertente do corpo discursivamente sedimentado da língua, a experiência da linguagem – igualmente profunda, mas não idêntica à falta de a nomear e, como ela, vivida de maneira radicalmente singular por cada sujeito falante – é aquela da sua alienação fundante: não ter palavras suas, mas falar com as palavras dos outros; não ter palavras próprias mas apenas palavras em comum – condição mesmo disto que se chama língua...

Segundo a autora, o sujeito fala com as palavras do outro, esse que comparece no discurso dialógico. Relacionando a escrita que tratamos neste trabalho, afirmamos que é uma escrita sobre outra escrita, pois a escrita é construída a partir do dizer do outro. O autor-pesquisador, no caso aqui tratado, toma para si o discurso mobilizado sobre os conceitos de variação e de mudança que servem de sustentação para o seu dizer, para então comprovar a hipótese e formular seu posicionamento.

Destacamos que Authier-Revuz determinou quatro campos de não coincidência ou de heterogeneidade em que o dizer se representa como localmente confrontado como pontos em que, alterado, ele se desdobra. São eles:

- a) *A não coincidência interlocutiva entre o enunciador e o destinatário*: refere-se aos casos em que o interlocutor é convocado a coenunciar, para produzir sentido partilhado por estratégias diversas.
- b) *A não coincidência do discurso com ele mesmo*: é posta como constitutiva, em referência ao dialogismo de Bakhtin. Considera que toda palavra, por se produzir no meio dos outros discursos, é habitada pelo discurso do outro.
- c) *A não coincidência entre as palavras e as coisas*: permitem especificar tipos de fronteiras entre si mesmo e o outro, pelas quais o discurso produz, por diferença, uma imagem de si entre outros.
- d) *A não coincidência das palavras com elas mesmas*: são formas que aceitam, rejeitam ou especificam o sentido a ser entendido em casos de polissemia ou hominímia: *X nos dois sentidos da palavra; X no sentido figurado*. Nessas formas, o locutor procura o sentido para a palavra, excluindo outros.

Nos excertos que seguem, analisamos as marcas linguísticas de apropriação do discurso mobilizado sobre os conceitos de *variação e de mudança*. Tais excertos foram selecionados dos capítulos de introdução e da análise de dados do: TP1/1979, TP2/1989, TP3/2000 e TP4/2011.

- (3) **TP1 – 1979 – Os linguistas que se debruçavam sobre os documentos sardos antigos dos séculos XI, XXI, XIII e XIV afirmam que a língua sarda empregada em tais documentos é relativamente homogênea, ... (p.36).**
- (5) **TP2- 1989 – Sendo que para SAVILLE-TROIKE, os sentimentos positivos do falante em relação ao seu grupo deveriam contribuir para a manutenção da língua e os negativos para**

a sua perda. Entretanto, as pessoas desta comunidade tinham esse sentimento positivo para com seu grupo e, apesar disso, a língua inglesa estava sendo abandonada.

- (6) **TP3 – 2000 Callou et alii, sugerem para o estudo da mudança em progresso um método fundamental,** que seria a combinação de observações em tempo aparente e em tempo real, visto que a distribuição por faixa etária pode não apresentar mudança na comunidade, e sim constituir um padrão característico de gradação etária, que se repete a cada geração.
- (7) **TP4/2011 – Nos estudos funcionalistas sobre gramaticalização, reavivados nas décadas de 80 e 90, autores como Lichtenberk (1991) retomam discussão** sobre o *problema da transição* (Weinreich, Labov & Herzog 1968) defendem a ideia de que o gradualismo é inerente aos fenômenos de gramaticalização estudados. Por ser um fenômeno contínuo, postula-se que a gramaticalização, não seja um processo que possa vir a se extinguir.

Nos excertos dos trabalhos de pesquisas demonstrados acima, observamos a apropriação do discurso mobilizado sobre os conceitos de *variação e de mudança* a partir da escrita dos pesquisadores. Tomamos primeiro o excerto (3) do TP1:

“Os linguistas que se debruçavam os documentos sardos antigos dos séculos XI, XXI, XIII e XIV afirmam que a língua sarda empregada em tais documentos é relativamente homogênea, ... (p. 36) ”.

Observamos a apropriação a partir do diálogo entre o discurso do teórico, que aparece de forma generalizada com a expressão “os linguistas”. E o discurso do pesquisador aponta para uma possível apropriação de conceitos, o pesquisador toma para si o discurso do outro através do diálogo e afirma:

“a língua sarda empregada em tais documentos é relativamente homogênea”

Neste movimento, há a apropriação do discurso outro, dos linguistas, os quais não se podem identificar, nesse excerto, mas podemos inferir que houve um diálogo, ou seja, o discurso do pesquisador comparece carregado pelo discurso do outro.

Há também o mesmo processo de apropriação através do diálogo entre o dizer dos pesquisadores a partir do dizer do teórico nos excertos (5) do TP2/1989, (6) do TP3/2000 e (7) do TP4/2011. Apesar disso, todos convergem para o discurso do já dito, local onde acontece o diálogo entre as diversas vozes, e conseqüentemente apropriação de conceito, a partir do diálogo entre os dizeres.

Observemos, a seguir, o excerto (5) de TP2:

TP2/1989 – Sendo que para SMITH e SAVILLE-TROIKE, os sentimentos positivos do falante em relação ao seu grupo deveriam contribuir para a manutenção da língua e os negativos para a sua perda. Entretanto, as pessoas desta comunidade tinham esse sentimento positivo para com seu grupo e, apesar disso, a língua inglesa estava sendo abandonada.

Nesse excerto, observamos o diálogo entre os discursos quando o pesquisador interage com o discurso do outro e escreve:

“TP2/1989 – Sendo que para SMITH e SAVILLE-TROIKE, os sentimentos positivos do falante em relação ao seu grupo deveriam contribuir para a manutenção da língua e os negativos para a sua perda [...]”

Verificamos que o autor-pesquisador traduz o conceito dos teóricos Smith e Saville-Troike. Na parte seguinte, ou seja, em:

TP2/1989 – Entretanto, as pessoas desta comunidade tinham esse sentimento positivo para com seu grupo e, apesar disso, a língua inglesa estava sendo abandonada.

constatamos que o pesquisador relaciona o discurso sobre o conceito de sentimentos positivos e negativos em relação ao grupo com os resultados encontrados em seu trabalho. Nesse sentido, há uma remissão explícita a outro ato de enunciação, o dizer do teórico. O autor da pesquisa dialoga com a teoria, reflete e chega a uma conclusão contrária às informações dos teóricos, quando usa o modalizador autonímico “entretanto” que introduz um enunciado de ideia contrária. Quando há essa ideia ao dizer do teórico, isso pode indicar que o pesquisador se apropriou do conceito e escreveu um posicionamento a partir dos dados analisados. Isso demonstra o que Authier-Revuz caracteriza como “não-coincidência entre as palavras e as coisas” que representa uma enunciação entre o dizer e o não dizer, ou seja, X, não Y. X representado por:

TP2/1989 – Sendo que para SMITH e SAVILLE-TROIKE, os sentimentos positivos do falante em relação ao seu grupo... [...]

E Y representado por:

“**TP2/1989** – apesar disso, a língua inglesa estava sendo abandonada”.

Ainda nesse excerto, há o discurso sobre o discurso, pois o pesquisador organiza seu enunciado agrupando os conceitos dos teóricos Smith, e Saville em uma só enunciação. Na segunda, citamos o discurso sendo apropriado a partir de outro. Ou melhor, o pesquisador dialoga e interpreta o discurso do outro, escreve o seu, toma as palavras daquele para si, e conclui seu posicionamento. Agindo dessa forma, ele configura o que Authier-Revuz (1998) denominou de “não coincidência do discurso consigo mesmo”, pois o discurso do pesquisador em:

“**TP2/1989** – **apesar disso, a língua inglesa estava sendo abandonada**”.

não é coincidente, seguindo o que postula Authier-Revuz (2004), que nenhum discurso é coincidente. Seria uma forma de heterogeneidade enunciativa na qual o discurso exterior é “apropriado” ao objeto de dizer. Ou melhor, quando uma palavra “não de si” se impõe como palavra “disto do qual se fala”.

No excerto (5) de TP2:

TP2/1989 – Sendo que para SMITH e SAVILLE-TROIKE, os sentimentos positivos do falante em relação ao seu grupo deveriam contribuir para a manutenção da língua e os negativos para a sua perda [...].

O que podemos observar, nesse excerto, é que o discurso do pesquisador se constitui a partir do discurso do teórico. O que vemos, de fato, é um diálogo que se remete a um discurso já existente, ao interdiscurso, pois como afirma Pêcheux (2010, p. 143), “‘algo fala’ sempre antes, em outro lugar independentemente”, isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas. Assim, o interdiscurso envolve um já dito, que,

por sua vez, faz parte de toda uma formação discursiva; na verdade, envolve, mesmo no interior de um discurso, elementos pertencentes a outros discursos, ou seja, advindos de outros lugares; engloba um exterior e um interior.

No interdiscurso, de acordo com Pêcheux (2011), tem-se o efeito de *encadeamento do pré-construído* e o efeito de *articulação*.

Observamos, assim, o discurso do teórico sendo escrito pelo pesquisador, isso aponta para o interdiscurso, ou melhor, para a não coincidência do discurso com ele mesmo, pois, para escrever o enunciado houve primeiro o diálogo interior entre as vozes do teórico e a do pesquisador. Há aqui os dois efeitos postulados por Pêcheux, o pré-construído, que corresponde ao discurso já proferido, e a articulação que corresponde à relação do sujeito com o sentido desse discurso.

A partir de uma visão de que o mundo é múltiplo e heterogeneamente interpretado, Bakhtin, de acordo com Faraco (2005), contribui para a concepção de que a linguagem é “concebida como heteroglossia, como um conjunto de formações verbo-axiológicas” (FARACO, 2005, p. 40). Dessa maneira, Faraco afirma que, no ato da criação, há um constante deslocamento envolvendo as línguas sociais, “pela qual o escritor (que é aquele que tem o dom da fala refratada) direciona todas as palavras para vozes alheias e entrega a construção do todo artístico a certa voz” (2005, p. 40). Assim, o discurso do autor-criador não é a voz direta do escritor, mas um ato de apropriação de voz refratada, isto é, de uma voz social qualquer, no caso em análise a voz do teórico, a voz do outro, que é reconhecida no excerto acima.

Desse modo, para Bakhtin, a linguagem tem que, necessariamente, ser deslocada. Caso contrário, não é esteticamente criativa.

Vejamos o excerto de número (6) de TP3:

TP3/2000 – Callou et al, sugerem para o estudo da mudança em progresso um método fundamental, que seria a combinação de observações em tempo aparente e em tempo real, visto que a distribuição por faixa etária pode não apresentar mudança na comunidade, e sim constituir um padrão característico de gradação etária, que se repete a cada geração

Nesse fragmento do TP3, observamos que a apropriação do discurso teórico se faz também de forma dialógica. Primeiro, tem-se a voz do pesquisador em:

TP3/2000 – Callou et al, sugerem para o estudo da mudança em progresso um método fundamental. [...]

E na segunda parte:

TP3/2000 – que seria a combinação de observações em tempo aparente e em tempo real, visto que a distribuição por faixa etária pode não apresentar mudança na comunidade, e sim constituir um padrão característico de gradação etária, que se repete a cada geração;

Apresenta-se o discurso dos teóricos Callou et al, escrito a partir de uma interpretação do enunciador; não são propriamente as palavras do teórico que aparecem, mas as palavras a partir da compreensão e do entendimento do enunciador. Isso demonstra o pesquisador apropriando-se do discurso do outro. Sobre essa ocorrência, Authier-Revuz

(1998) afirma que todo discurso se dirige a outros discursos, configurando-se como o seu exterior constitutivo.

Na concepção de Rodrigues (2010, p. 52), “é refletindo sobre a alteridade, é escrevendo sobre o que já foi escrito que se constrói a teia dialógica, que se manifesta, enfim plurivocalidade discursiva”.

Nos excertos (3) do TP1/1979, (5) do TP2/1989, (6) do TP3/2000 e (7) do TP4/2011, percebemos que a apropriação do discurso e da escrita é realizada de forma dialógica, pois a autoria se materializa a partir da alteridade, da divisão entre os discursos, da interação entre os discursos, que pode aparecer de forma mostrada ou não mostrada.

Vejamos como isso se configura em cada excerto:

- (3) **TP1 – 1979** - Os linguistas que se debruçavam os documentos sardos antigos dos séculos XI, XXI, XIII e XIV **afirmam que a língua** sarda empregada em tais documentos é relativamente homogênea, ... (p.36).
- (5) **TP2 – 1989** - Sendo que para SAVILLE-TROIKE, os sentimentos positivos do falante em relação ao seu grupo deveriam contribuir para a manutenção da língua e os negativos **para a sua perda. Entretanto, as pessoas desta comunidade** tinham esse sentimento positivo para com seu grupo e, apesar disso, a língua inglesa estava sendo abandonada.
- (6) **TP3 – 2000** Callou et alii, sugerem para o estudo da mudança em progresso um método fundamental, que seria a combinação de observações em tempo aparente e em tempo real, visto que a distribuição por faixa etária pode não apresentar mudança na comunidade, e sim constituir um padrão característico de gradação etária, que se repete a cada geração.
- (7) **TP4 – 2011**- O conceito de variação nos assegura que as ocorrências reportam ao fenômeno no qual uma língua, nas práticas interlocutivas, modifica-se numa dada época, lugar ou grupo social, resultando em um objeto cuja singularidade é ser variável, foco principal da Sociolinguística.

Marcamos em negrito nos excertos dos trabalhos de pesquisas acima a parte que mostra a interação entre os discursos do pesquisador e do teórico, a relação que se faz com o discurso que serve de base para o que se quer produzir. No instante em que se trazem para o trabalho científico outras vozes sociais, há a efetivação do dizer. Isso pode ocorrer de forma mostrada ou não mostrada.

Nos excertos (6) do TP3/2000 e no (7) do TP4/2011, as vozes dos teóricos aparecem de forma não mostrada.

No excerto (7) de TP4/2011:

TP4/2011 – **O conceito de variação nos assegura que as ocorrências reportam ao fenômeno no qual uma língua**, nas práticas interlocutivas, modifica-se numa dada época, lugar ou grupo social, resultando em um objeto cuja singularidade é ser variável, foco principal da Sociolinguística.

A apropriação de conceito é realizada de forma implícita, uma vez que não há a remissão ao teórico de forma explícita.

O autor-pesquisador retoma o discurso mobilizado sobre o conceito de variação sem fazer remissão ao que teórico se remeteu. Mesmo não citando nenhum autor nesse excerto, o pesquisador estabelece um diálogo com as leituras prévias à pesquisa, com o seu próprio dizer anterior, bem como promove uma reflexão sobre o conceito. Vejamos:

“TP4/2011 – nas práticas interlocutivas, modifica-se numa dada época, lugar ou grupo social, resultando em um objeto cuja singularidade é ser variável, foco principal da Sociolinguística”

Tal construção possibilita que o autor pesquisador misture sua voz com as vozes de outros (teóricos). Ele interpreta um dizer e o toma como seu. Desse modo, mobiliza o discurso sobre o conceito de variação a partir das palavras do conteúdo do pensamento.

“TP4/2011 – resultando em um objeto cuja singularidade é ser variável, foco principal da Sociolinguística”.

Tomando como base a análise dos excertos acima, é possível perceber que o ato discursivo tem importância fundamental, pois é por meio dele que o locutor dá sentido ao que escreve através de uma conversa com o discurso do outro.

Dessa maneira, a escrita do discurso sobre o conceito é vista enquanto espaço de interação verbal, não possui sentido acabado, uma vez que é no processo de intercâmbio que há as relações dialógicas, em que acontece a “leitura plural”. Isto é, a possibilidade de se fazerem várias leituras. Assim, podemos considerar que a mensagem se forma no processo de comunicação, e é construída através de pontos ideológicos.

Nessa perspectiva, o sujeito não é “senhor” dos domínios de seu sentido, não é a fonte de seu dizer, mas efeito das condições que o determina. Relacionando essa afirmação com o processo de apropriação dialógica defendida e analisada, notamos que, ao se apropriar de conceitos teóricos, o pesquisador interage com o discurso do outro e elabora sua escrita com traços de um dizer que, no princípio, não lhe pertencia. Mas, a partir do momento em que há o processo dialógico, o discurso reproduzido em forma escrita é apropriado por aquele que escreve. Este se vale de um dizer exterior para dar validade e credibilidade àquilo que está proferindo.

Na análise dos trabalhos defendidos, observamos que há uma remissão ao discurso do outro na escrita dos trabalhos abordados nesse espaço, pois foram proferidos no campo do já dito. São discursos que os autores escreveram a partir de um campo histórico e social, e de uma filiação teórica, nos quais as palavras estão inseridas e se encontram na ordem da representação. Temos, assim, a apropriação dos conceitos, a partir do diálogo entre os discursos, demonstrados através das vozes que aparecem na escrita desses trabalhos.

No que se refere à personalidade que o enunciador assume ao pronunciar um discurso, tomamos o conceito de *ethos* defendido por Maingueneau (2011). Para esse autor, o texto escrito possui, mesmo quando o autor denegar o discurso do outro, o tom que dá autoridade ao que é dito. “Esse tom permite ao leitor construir uma representação do corpo do enunciador” (e não do corpo do autor efetivo). “A leitura faz, então, emergir uma instância subjetiva que desempenha o papel de fiador do que é dito” (MAINGUENEAU, 2011, p. 98).

No excerto (3) do TP1/1979, no (5) do TP2/, no (6) do TP3/2000, e no (7) do TP4/2011, observamos que o papel dos autores no processo de enunciação se faz através de um conceito já estudado por outros autores, às vezes aparece de forma explícita, outras vezes de forma implícita. Vejamos:

Em (3) de TP1/1979:

“Os linguistas que se debruçavam nos documentos sardos antigos dos séculos XI, XXI, XIII e XIV afirmam que a língua sarda empregada em tais documentos é relativamente homogênea...” (p.36).

Nesse excerto percebemos que o teórico é demonstrado de forma genérica, configurado pela expressão: “os linguistas”.

- (5) **TP2-1989** – Sendo que para **SAVILLE-TROIKE**, os sentimentos positivos do falante em relação ao seu grupo deveriam contribuir para a manutenção da língua e os negativos para a sua perda.

No TP2/1989, há a remissão do discurso do outro pelas expressões marcadas no excerto acima.

- (6) **TP3 – 2000 Callou et alii**, sugerem para o estudo da mudança em progresso um método fundamental, que seria a combinação de observações em tempo aparente e em tempo real, visto que a distribuição por faixa etária pode não apresentar mudança na comunidade, e sim constituir um padrão característico de gradação etária, que se repete a cada geração.

No TP3, tem-se a remissão aos teóricos Callou *et al.*

- (7) **TP4 – 2011-** O conceito de variação nos assegura que as ocorrências reportam ao fenômeno no qual uma língua, nas práticas interlocutivas, modifica-se numa dada época, lugar ou grupo social, resultando em um objeto cuja singularidade é ser variável, foco principal da Sociolinguística.

No TP4/2011, não há remissão dos teóricos que postularam o conceito; o pesquisador interpreta o discurso do teórico, toma para si, no sentido de apropriação empregada por nós nesta pesquisa, e escreve dando a haver na sua escrita a escrita do outro.

Assim a partir dos fragmentos dos excertos demonstrados acima, observamos exemplos de discurso sustentado pela voz do fiador no TP1/1979, TP2/1989, TP3/2000. Nesses excertos, intuímos que a sustentação do dizer é realizada por intermédio dos nomes dos teóricos em TP2 com “Seville-Troike, em TP3 por Calou et ali, em TP1, o dizer do teórico é revelado pela expressão – ‘linguistas’ – e que dão um tom de autoridade ao que foi dito”. Em TP4, o dito se apresenta de forma não mostrada.

De acordo com Maingueneau (2011), o papel do fiador no discurso é construído pelo leitor através de indícios textuais de diversas ordens, podendo ser atribuídos um caráter e uma *corporalidade*, dependendo do texto. O caráter diz respeito aos aspectos psicológicos e a corporalidade corresponde à constituição corporal. Essas formas de representação do fiador provêm de um conjunto de representações sociais valorizadas ou desvalorizadas, sobre as quais se apoia a enunciação. O sentido do discurso tanto pode ser propiciado pelo “*ethos*” como pelas “ideias” que transmitem. Essas ideias se apresentam por intermédio de uma maneira de dizer que remete a uma maneira de ser, a participação imaginária em uma experiência vivida. A qualidade do “*ethos*” está condicionada ao efeito da imagem que é dada pelo “fiador” no contexto, e esse lhe confere uma identidade compatível com o mundo que ele deverá construir em seu discurso.

Nesse âmbito, remetendo aos pressupostos de Authier-Revuz (1998), em relação à heterogeneidade constitutiva, teríamos, nos excertos TP1, TP2, e TP3, um exemplo do discurso se constituindo, de apropriação em construção e, no TP4, os excertos apontam para uma possível apropriação.

Conclusão

Percebemos, por meio das marcas linguísticas analisadas nos excertos dos trabalhos de pesquisas estudados neste artigo, que, pela escrita do TP1/1979, o pesquisador tende a se apropriar do discurso sobre os conceitos de variação e de mudança de uma forma geral, uma vez que o diálogo entre o pesquisador e as vozes que aparecem no texto quase não são especificadas.

No TP2/1989, a análise apontou que o pesquisador dialogou e interpretou o discurso do outro, escreveu o seu, tomando as palavras dos teóricos para si e concluiu seu posicionamento. Nesse sentido, o discurso do pesquisador comparece como não coincidente consigo mesmo. Teríamos, nesse caso, um exemplo de heterogeneidade enunciativa, na qual o discurso exterior é apropriado ao objeto do dizer.

No TP3/2000, inferimos, por meio da análise da materialidade linguística, que a apropriação do discurso sobre os conceitos, apresentou-se a partir de uma compreensão e de um entendimento do enunciado, ou seja, o pesquisador dialogou com o discurso do teórico se apropriando desse exterior constitutivo. O discurso aparece, embora interpretado, não coincidente, mas carregado das palavras do outro.

No TP4/2011, o diálogo foi realizado de forma não mostrada, a heterogeneidade discursiva presente na escrita dessa pesquisa apareceu de forma não mostrada. O autor-pesquisador retomou o conceito de variação e de mudança sem fazer remissão aos teóricos de forma mostrada. Mesmo assim, pudemos perceber que ele dialogou com as suas leituras prévias. Tomando o conceito de Pêcheux sobre o interdiscurso, como referência, afirmamos que o pesquisador dialogou com sua formação discursiva, para então formular o seu discurso. E, no dizer de Authier-Revuz (1998), é no ato discursivo que o locutor dá sentido ao que escreve, por meio do diálogo com o discurso do outro.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. A. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Tradução de Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

_____. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1998.

_____. Paradas sobre Palavras: a língua em prova na enunciação e na escrita. *Educ. Real*, Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 651-679, set./dez. 2011. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade/>. Acesso em: 10 ago. 2012.

_____. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). Tradução de Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 19, p. 25-42, jul./dez. 1990.

BAGNO, M. *Língua moderna: letramento, variação & ensino*. São Paulo: Parábola, 2001.

BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V. N. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Mussite, 1995.

BRAIT, B. *Bakhtin: outros conceitos chave*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

CALVET, L. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Tradução de Marcos Marcionilo. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2009.

FARACO, C. A. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2005.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. Tradução de Cecília P. de Souza e Silva e Décio Rocha. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. *Novas Tendências em Análises do Discurso*. Tradução de Freda Indursky. 3. ed. Campinas, SP: Pontes; Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

PÊCHEX, M. *Semântica do discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

RODRIGUES, S.G.C. *Questões de dialogismo: o discurso científico, o eu e os outros*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2010.